

A encenação simbólica de poder: uma análise semiolinguística do discurso de Grindelwald em *Animais Fantásticos*

Ingrid Flores Leal Rocha

Geordan Neves de Oliveira

Adriane de França Simões de Miranda (*)

Introdução

A linguagem desempenha papel central na construção e legitimação do poder, funcionando como veículo informativo e instrumento ideológico capaz de mobilizar crenças, afetos e imaginários coletivos. No cinema, essa função se intensifica, já que os discursos dos personagens são projetados para produzir efeitos persuasivos tanto sobre os demais personagens quanto sobre o público, contribuindo para a configuração de identidades e hierarquias simbólicas. Nesse sentido, o discurso de Grindelwald na cena do salão do filme *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* (2018) apresenta-se como objeto particularmente relevante, combinando elementos políticos, ideológicos e proféticos, articulando a construção de um *ethos* manipulador e consolidando a percepção de sua autoridade perante seus seguidores. Além disso, o contexto ficcional permite observar como narrativas de fantasia projetam conflitos de poder e manipulação ideológica, refletindo, de forma simbólica, questões sociais e políticas reconhecíveis pelo público.

Este estudo propõe analisar o discurso de Grindelwald a partir da perspectiva da semiolinguística, conforme desenvolvida por Patrick Charaudeau, articulada aos conceitos de cena enunciativa de Dominique Maingueneau e de *ethos* discursivo de Ruth Amossy. A análise visa compreender de que forma o personagem mobiliza diferentes gêneros discursivos — político, profético e ideológico — para legitimar sua autoridade, revelando os mecanismos discursivos que tornam sua liderança persuasiva. O problema de pesquisa concentra-se em investigar como a linguagem de Grindelwald contribui para a encenação simbólica do poder, estruturando uma performance ideológica que organiza crenças, valores e imaginação

(*) Ingrid Flores Leal Rocha é mestranda em Estudos de Linguagem e Literatura pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Geordan Neves de Oliveira é graduado em Letras – Português, Inglês e Literaturas pela UFRRJ. Pós-graduando na Instituição de Ensino Superior UNIFAHE, no curso Lato sensu de Africanidades e cultura afro-brasileira. Adriane de França Simões de Miranda é mestranda em Estudos de Linguagem e Literatura pela UFRRJ.

coletiva. Ademais, busca-se identificar os recursos discursivos que permitem ao personagem influenciar não apenas os seguidores fictícios, mas também o espectador, ampliando o alcance do poder simbólico.

O objetivo geral do estudo é explorar como a linguagem atua como instrumento de construção simbólica do poder no discurso de Grindelwald, demonstrando que ele não se limita a informar, mas performa autoridade e influencia a percepção de seus seguidores. Para isso, a análise focaliza os elementos linguísticos, discursivos e interacionais presentes no discurso, buscando compreender de que modo eles articulam persuasão, manipulação e consolidação do *ethos* do personagem. Ao aprofundar a investigação desses mecanismos, o estudo contribui para a compreensão das estratégias linguísticas e ideológicas em narrativas audiovisuais contemporâneas, destacando o papel da linguagem na configuração do poder simbólico, na persuasão e na formação de lideranças, bem como seus efeitos sobre o público.

Breve contexto do universo ficcional

Da imaginação da criadora J.K. Rowling, o universo de *Animais Fantásticos* expande o já consagrado mundo mágico de *Harry Potter*, retrocedendo algumas décadas no tempo para apresentar ao público a vida de bruxos e criaturas mágicas nos anos 1920 (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025). A saga parte das aventuras do magizoologista¹ Newt Scamander, cuja paixão por animais mágicos o coloca em situações que, pouco a pouco, se entrelaçam com grandes acontecimentos políticos e sociais do universo bruxo. Nesse contexto, a narrativa se afasta do ambiente escolar de Hogwarts² para explorar as tensões entre o mundo mágico e o mundo trouxa, evidenciando disputas ideológicas, perseguições e a ascensão de forças obscuras

Nessas disputas:

Artes das Trevas referiam-se a qualquer magia usada principalmente para controlar, ferir ou matar seu alvo. Preparar poções nocivas, usar feitiços e maldições e criar criaturas das trevas podia ser ilegal, não apenas pelas terríveis consequências de seu uso, mas também pela natureza corrupta da prática que afetava o próprio praticante (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025).

¹ Termo ficcional criado para o Universo de *Harry Potter*, designado para indivíduos que estudam criaturas mágicas profissionalmente.

² Criada por J.K. Rowling para a série *Harry Potter*, é uma escola de magia fictícia conhecida como Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

As Artes das Trevas eram frequentemente associadas a ideologias de supremacia bruxa e à lealdade a bruxos das trevas, como Lord Voldemort e Gerardo Grindelwald. Embora não fosse possível erradicá-las completamente, os jovens bruxos eram instruídos a reconhecê-las e a se proteger de seus efeitos (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025). Esse processo educativo evidencia não apenas a preocupação do mundo mágico com a segurança de seus integrantes, mas também a maneira pela qual valores éticos e morais são transmitidos de geração em geração, destacando a tensão constante entre o bem e o mal na formação dos bruxos.

Sob essa ótica, as ideias de Gerardo Grindelwald sobre a supremacia dos bruxos em relação aos trouxas geraram grande controvérsia na década de 1920, embora ainda assim conquistassem considerável adesão entre aqueles cansados de ocultar seus poderes mágicos. Expulso da escola Durmstrang por realizar "experimentos perversos", Grindelwald desenvolveu uma profunda amizade com Alvo Dumbledore; juntos, passaram longas horas em busca das *Relíquias da Morte*³ e em debates sobre seu potencial para transformar o mundo mágico. No entanto, um acidente trágico pôs fim a essa amizade, e enquanto Dumbledore se comprometia com ideais de justiça e proteção, Grindelwald começou a trilhar um caminho marcado pela ambição e pela escuridão (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025).

No final do primeiro filme, o poderoso bruxo das trevas Gerardo Grindelwald (Johnny Depp) foi capturado pelo MACUSA (Congresso Mágico dos Estados Unidos da América), com a ajuda de Newt Scamander (Eddie Redmayne). Mas, cumprindo sua ameaça, Grindelwald escapou da custódia e começou a reunir seguidores, a maioria desavisados de sua verdadeira agenda: criar bruxos de sangue puro para governar todos os seres não mágicos.

Indivíduos provenientes de famílias sem habilidades mágicas eram chamados de trouxas, e o mundo bruxo buscava preservar sua discrição em relação a eles, estabelecendo leis como o Estatuto do Sigilo. Apesar disso, algumas pessoas não mágicas, como o Primeiro-Ministro do Reino Unido, tinham conhecimento da existência dos bruxos por motivos profissionais. Além disso, crianças nascidas de pais trouxas podiam manifestar habilidades mágicas, tornando-se bruxos ou bruxas nascidos trouxas. Entre os membros da comunidade mágica, havia aqueles que defendiam a diminuição do status dos trouxas, como Lord Voldemort e Gerardo Grindelwald, enquanto Salazar Sonserina, fundador de uma das casas de

³ Três objetos mágicos de grande poder que tornam seu possuidor o Senhor da Morte, e segundo a lenda, imortal. Sendo eles: a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade.

Hogwarts, acreditava na exclusão de alunos sem sangue puro (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025).

Nos filmes, Grindelwald é retratado como um mestre da manipulação, capaz de seduzir seguidores com discursos de libertação que, na prática, visam à dominação dos não-mágicos e à supremacia dos bruxos. Seu percurso acompanha a escalada de influência política e militar, com a formação de um exército de fiéis e a propagação de ideais totalitários, em um claro diálogo com o contexto histórico da ascensão de regimes autoritários no mundo real. Ele não apenas representa um vilão em termos mágicos, mas também encarna a figura do líder carismático que se utiliza de estratégias retóricas, emocionais e visuais para conquistar multidões.

Segundo o site oficial, “é nesse cenário que ganha destaque Gerardo Grindelwald, um dos bruxos mais poderosos e temidos de sua época” (WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC., 2025). A presença de Grindelwald no enredo de *Animais Fantásticos* amplia a complexidade da narrativa ao articular temas como ética, liberdade, manipulação ideológica e o preço do poder. Sua trajetória funciona como o fio condutor que conecta as histórias individuais dos personagens ao conflito maior que antecede os acontecimentos narrados em *Harry Potter*, preparando o terreno para o duelo lendário entre Grindelwald e Dumbledore, marco definitivo da luta entre visões opostas do mundo mágico.

A en(cena)ção

Na cena em que Grindelwald se reúne com seus seguidores no cemitério Père Lachaise, em Paris, ele surge após uma fuga estratégica da prisão do MACUSA, com o objetivo de retomar sua influência no mundo bruxo e expandir seu movimento ideológico. Desde cedo, Grindelwald acreditava que os bruxos eram uma espécie superior aos trouxas e que tinham a responsabilidade de governá-los para evitar que a sociedade mágica fosse prejudicada pela ignorância ou destruição causada pelos não-mágicos. Essa convicção radical, aliada ao seu desejo de transformação social dentro da comunidade mágica, tornou-se o motor que o levou a organizar essa reunião, convocando aqueles que compartilhavam de sua visão ou se sentiam marginalizados pelas regras vigentes do mundo mágico.

O encontro acontece no mausoléu LeStrange, no cemitério Père Lachaise, um local cuidadosamente escolhido por seu caráter histórico, sombrio e secreto. A arquitetura imponente do mausoléu, combinada com a iluminação dramática e os corredores estreitos do cemitério, cria um ambiente de tensão e mistério, reforçando a sensação de que se trata de um evento clandestino de extrema importância. O cenário evidencia a natureza radical da reunião

e a necessidade de Grindelwald de proteger seus planos de interferências externas, demonstrando que sua ascensão ao poder dependia tanto da estratégia quanto da criação de um espaço simbólico de autoridade e unidade entre seus seguidores.

Grindelwald chegou a esse ponto motivado por uma combinação de fatores pessoais, ideológicos e estratégicos. Desenvolveu uma visão de mundo na qual a magia deveria assumir controle sobre os que não a possuíam. Ao longo do tempo, sua ambição de moldar o mundo bruxo de acordo com seus próprios valores e princípios foi reforçada. Na cena, fica evidente que a reunião não é apenas um ato de propaganda, mas sim um passo estratégico para consolidar alianças, atrair novos seguidores e fortalecer sua posição como líder de uma revolução que buscava remodelar a ordem mágica.

A intenção de Grindelwald ao organizar a reunião também estava ligada à necessidade de demonstrar força e coesão para aqueles que já haviam se unido à sua causa, além de persuadir novos aliados a se engajarem em seu movimento. O encontro no mausoléu simboliza a centralização do poder, com Grindelwald ocupando o espaço físico e simbólico no centro da multidão, destacando sua liderança e autoridade. A escolha de Paris como local estratégico reforça sua visão de expansão internacional e a construção de uma rede organizada de seguidores, prontos para atuar em prol de sua ideologia de supremacia bruxa.

Finalmente, a cena contextualiza um ponto crucial na narrativa de Grindelwald: a ascensão de seu poder e a consolidação de sua ideologia como força mobilizadora no mundo mágico. Ele chega ali movido pelo desejo de transformar a sociedade bruxa, de reunir aliados que compartilhem de seus valores e de estabelecer uma base sólida para futuras ações. A reunião, realizada em um ambiente cuidadosamente selecionado, com atmosfera tensa e carregada de simbolismo, evidencia que cada aspecto do encontro — desde o local até a organização dos participantes — foi pensado para reforçar sua visão e preparar o terreno para os eventos subsequentes que moldariam o conflito ideológico no universo mágico.

A en(cena)ção - Nota de observação

Na ausência de estudos prévios ou registros oficiais que abordam de forma específica a cena em questão, a análise proposta neste trabalho fundamenta-se em uma contextualização própria construída a partir da respectiva obra cinematográfica na qual a cena está inserida. Tal escolha metodológica justifica-se pela necessidade de oferecer subsídios interpretativos que possibilitem compreender a relevância e as implicações discursivas do recorte analisado, ainda que desprovido de suporte crítico já consolidado. Dessa forma, o estudo busca estabelecer uma leitura situada, coerente com a narrativa fílmica, de modo a suprir a lacuna

existente na literatura e a contribuir para o desenvolvimento de novas perspectivas críticas acerca do material examinado.

A teoria semiolinguística do discurso

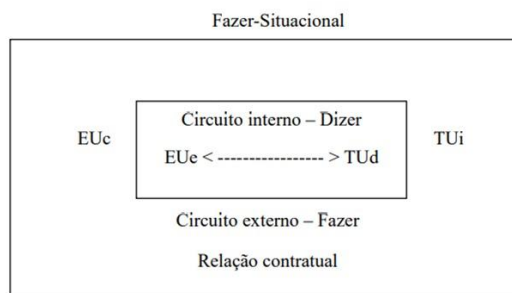
Na perspectiva da Semiolinguística de Patrick Charaudeau, a linguagem vai além de um simples instrumento de comunicação, revelando-se um fenômeno psicossocial ligado à ação e à influência. A abordagem busca compreender a "construção psico-sócio-lingueira do sentido" (CHARAUDEAU, 2005, p. 11), considerando que o sentido de um enunciado emerge tanto das condições de sua produção quanto do jogo interacional entre os sujeitos. O ato de linguagem é entendido como uma encenação estratégica que "combina o dizer e o fazer" (CHARAUDEAU, 2001), envolvendo processos de transformação — identificação, qualificação, ação e causação — e de transação, que orientam a comunicação entre parceiros segundo princípios de alteridade, pertinência, influência e regulação (CHARAUDEAU, 2005).

O sentido não reside apenas na forma explícita do enunciado, considerada uma "superfície lacunar" (CHARAUDEAU, 2014, p. 27), mas emerge da interação entre explícito e implícito, mediada pelas circunstâncias de discurso e regulada pelo Contrato de Comunicação, definido pelas condições da situação: finalidade, identidade dos parceiros, domínio de saber e dispositivo material (CHARAUDEAU, 2005).

Para aprofundar a análise, articulam-se os conceitos de cena de enunciação de Dominique Maingueneau. Um texto é visto como "o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada" (MAINGUENEAU, 2002, p. 85). A cena englobante e a genérica definem o quadro cênico do texto, enquanto a cenografia constitui o dispositivo de fala que o enunciado constrói progressivamente, podendo se apoiar em cenas validadas, ou estereótipos da memória coletiva, para legitimar-se e persuadir o interlocutor (MAINGUENEAU, 2002).

Assim, a estrutura do ato de linguagem articula um circuito situacional externo e um circuito discursivo interno, onde atuam as instâncias de subjetividade propostas pela Semiolinguística, superando a visão simplista de emissor-receptor e permitindo analisar como sentidos e intenções se manifestam na encenação discursiva:

Imagem1: Os circuitos da comunicação



Fonte: Charaudeau (2001, p. 29)

Conforme ilustra a figura a seguir, a comunicação se organiza em dois espaços interdependentes: o externo e o interno. No espaço externo, situam-se os parceiros da troca — seres sociais e psicológicos que atuam na interação discursiva. Aqui, o Sujeito Comunicante (EUc) detém a iniciativa do processo de produção, movido por um projeto de fala, enquanto o Sujeito Interpretante (TUi) age de forma independente, construindo sua interpretação a partir de seu próprio ponto de vista sobre as circunstâncias e sobre o EUc (CHARAUDEAU, 2014, p. 46). A relação entre eles é marcada pela opacidade e pela assimetria comunicativa: o TUi não é mero receptor, mas um sujeito ativo que interpreta e ressignifica o discurso recebido.

No espaço interno, ou espaço do dizer, encontram-se os protagonistas da enunciação, os seres de fala. O Sujeito Enunciador (EUe) corresponde à imagem que o EUc constrói de si mesmo — uma “máscara de discurso” que se materializa na fala — e o Sujeito Destinatário (TUd) é o interlocutor idealizado, projetado para receber a enunciação conforme a intenção do EUc (CHARAUDEAU, 2014, p. 45). A eficácia comunicativa depende da capacidade de aproximar o TUi real do TUd projetado, de modo que a interpretação se alinhe ao efeito desejado pelo comunicante. Para isso, o EUc recorre a estratégias discursivas, isto é, a recursos e manobras destinadas a produzir efeitos persuasivos ou sedutores sobre o TUi (CHARAUDEAU, 2005).

A materialização dessas estratégias no texto se dá por meio dos quatro Modos de Organização do Discurso — Enunciativo, Descritivo, Narrativo e Argumentativo —, que estruturam a relação entre sujeitos e orientam a construção do sentido. O Modo Enunciativo comanda os demais, definindo a posição do sujeito em relação ao interlocutor, a si mesmo e a outros discursos, e se manifesta nos comportamentos alocutivo, elocutivo e delocutivo (CHARAUDEAU, 2014). O Modo Descritivo fixa uma visão estática do mundo, nomeando seres e atribuindo-lhes qualidades; o Modo Narrativo organiza a sucessão temporal de ações, construindo histórias com princípio e fim; e o Modo Argumentativo busca provar

causalidades e influenciar o interlocutor por meio da razão (CHARAUDEAU, 2014). Em textos audiovisuais, esses modos combinam-se de forma pluricódica, integrando o verbal, o visual e o gestual para a produção de sentido.

É nesse contexto, ao articular o posicionamento dos sujeitos, a negociação do contrato comunicativo e a escolha dos modos de organização discursiva, que se constrói o *ethos*. Conforme Amossy (2011), o *ethos* representa a imagem de si que o sujeito produz no ato de enunciação, uma construção intencional destinada a gerar estima e confiança no interlocutor. Essa imagem, mediada pelas representações partilhadas pela comunidade — a doxa —, pode recorrer a estereótipos como ferramentas argumentativas. Ao integrar os conceitos de sujeitos, estratégias, modos de organização e *ethos*, o aparato teórico de Charaudeau, Maingueneau e Amossy oferece o instrumental necessário para analisar, na seção seguinte, como tais escolhas discursivas se manifestam em contextos audiovisuais, dando concretude à relação entre os espaços externo e interno da comunicação.

Transcrição e análise do discurso

O quadro a seguir apresenta a transcrição integral do discurso proferido por Gellert Grindelwald, extraída do material audiovisual do filme *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald*, no momento em que o personagem expõe suas ideias sobre a supremacia bruxa no salão repleto de seguidores e representantes da comunidade bruxa. Para esta pesquisa, manteve-se o texto em português, preservando a forma original da fala. Essa apresentação permite observar detalhadamente as estratégias discursivas e a organização do discurso, destacando a construção do *ethos* de Grindelwald e a interação entre os espaços internos e externos do enunciado, revelando como a linguagem atua como instrumento de persuasão e encenação do poder.

Transcrição

Quadro 1 - O discurso de Grindelwald

"Meus irmãos. Minhas irmãs. Meus amigos. O grande presente dos seus aplausos não é para mim. Não! É para vocês mesmos. Vocês vieram aqui hoje por um desejo e por saberem que os velhos costumes não nos servem mais. Vocês vieram porque anseiam por algo novo. Algo diferente. [...] Dizem que eu odeio os Não-mágicos. Os Trouxas. Os Não-Maj. Os que Não Podem-Feitiços... Eu não os odeio; eu não odeio. Pois eu não luto por ódio. Acredito que os Trouxas não são inferiores, mas diferentes. Não inúteis, mas de outro valor. Não descartáveis, mas de disposição diferente. [...] A magia floresce apenas em almas raras. É concedida àqueles que vivem por coisas mais elevadas. Ah, e que mundo poderíamos criar para toda a humanidade, nós que vivemos pela verdade, pela liberdade... e pelo amor."

Fonte: WARNER BROS. PICTURES. *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald*. Reino Unido/Estados Unidos, 2018.

Análise

O discurso proferido por Gellert Grindelwald na cena do salão de *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* constitui-se como um exemplo notável de encenação simbólica do poder, revelando como a linguagem ultrapassa a dimensão informativa para se configurar como instrumento de persuasão e manipulação. À luz da teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau, articulada aos conceitos de cena enunciativa de Dominique Maingueneau e *ethos* discursivo de Ruth Amossy, é possível observar os mecanismos discursivos que estruturam a performance ideológica do personagem.

Segundo Charaudeau (2005), o ato de linguagem é uma encenação estratégica, que combina o dizer e o fazer, sempre orientado pelas condições da situação de comunicação. Nesse sentido, Grindelwald atua como Sujeito Comunicante (EUC), projetando sua fala a dois destinatários: os seguidores presentes no salão, que configuram o TUD projetado, e o espectador do filme, que corresponde ao TUI real. Logo na abertura, ele estabelece o contrato comunicativo ao afirmar: "Meus irmãos. Minhas irmãs. Meus amigos. O grande presente dos seus aplausos não é para mim. Não! É para vocês mesmos." Essa estratégia desloca a atenção de si para os ouvintes, atribuindo-lhes valor e instaurando uma relação de coletividade. Ao simular humildade, o personagem reforça sua legitimidade como porta-voz dos desejos comuns, e não como um líder autoritário, consolidando assim as bases de sua influência.

A perspectiva de Maingueneau (2002) sobre a cena enunciativa também permite compreender esse processo. O discurso de Grindelwald situa-se em uma cena englobante

política, caracterizada pela função de mobilizar coletivos em torno de um projeto ideológico. A cena genérica corresponde ao discurso de liderança, enquanto a cenografia construída pelo personagem mobiliza elementos de ordem profética e visionária. Essa dimensão é evidente quando ele afirma: “Vocês vieram aqui hoje por um desejo e por saberem que os velhos costumes não nos servem mais.” Ao projetar uma ruptura com o passado, Grindelwald constrói para si a imagem de um líder revolucionário que conduz os ouvintes a um futuro renovado. Essa cenografia remete a estereótipos de discursos políticos e religiosos que, historicamente, se legitimaram a partir da promessa de transformação, funcionando como dispositivo de persuasão por meio da memória coletiva.

A análise do *ethos* discursivo, conforme Amossy (2011), evidencia a forma como Grindelwald negocia sua credibilidade. O *ethos*, entendido como a imagem de si projetada na enunciação, é cuidadosamente manipulado pelo personagem para neutralizar representações negativas e construir uma identidade benevolente. Isso se observa quando ele declara: “Dizem que eu odeio os Não-mágicos. Os Trouxas. Os Não-Maj. Os que Não Podem-Feitiços. Eu não os odeio; eu não odeio. Pois eu não luto por ódio.” Aqui, o orador distancia-se da imagem de tirano violento, ao mesmo tempo em que projeta um *ethos* compassivo e justo. Tal movimento discursivo reforça sua autoridade e amplia a adesão dos seguidores, pois, em vez de se basear no medo, sua liderança se apresenta como guiada por princípios elevados. Essa imagem benevolente é ainda mais acentuada no momento em que ele convoca valores universais ao afirmar: “Ah, e que mundo poderíamos criar para toda a humanidade, nós que vivemos pela verdade, pela liberdade... e pelo amor.” O *ethos* messiânico, quase religioso, amplia a dimensão profética de sua fala, reforçando sua posição como líder carismático.

No plano da organização interna do discurso, Charaudeau (2014) distingue modos de enunciação que também se fazem presentes na fala de Grindelwald. O modo descritivo aparece quando ele diferencia bruxos e trouxas: “Acredito que os Trouxas não são inferiores, mas diferentes. Não inúteis, mas de outro valor.” O modo narrativo se manifesta na construção de uma linha temporal de superação dos “velhos costumes” em direção a um futuro alternativo: “Vocês vieram porque anseiam por algo novo. Algo diferente.” Já o modo argumentativo estrutura-se em afirmações que naturalizam a supremacia bruxa, apresentando-a como destino inevitável: “A magia floresce apenas em almas raras. É concedida àqueles que vivem por coisas mais elevadas.” A articulação desses modos evidencia a habilidade do personagem em combinar descrição, promessa e justificação, compondo um discurso que se ancora na razão, mas que mobiliza também afetos e imaginários coletivos.

Assim, a análise revela que o discurso de Grindelwald mobiliza três dimensões centrais: a política, ao propor a reorganização da sociedade mágica e a ruptura com a ordem anterior; a profética, ao projetar-se como visionário de um futuro idealizado; e a ideológica, ao legitimar a supremacia bruxa como princípio natural e justo. O cruzamento desses elementos, associado à construção de um *ethos* manipulador, transforma o discurso em uma verdadeira performance de poder. Mais do que comunicar ideias, Grindelwald encena sua liderança, oferecendo aos seguidores uma narrativa de pertencimento e missão coletiva. A linguagem, portanto, cumpre aqui um papel central na legitimação simbólica da autoridade, demonstrando como o poder se constrói e se perpetua por meio da palavra.

Conclusão

Em síntese, o estudo do discurso de Grindelwald em *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* evidencia que a linguagem, longe de se limitar a uma função meramente informativa, atua como instrumento central de construção e encenação simbólica do poder. A partir da perspectiva semiolinguística de Patrick Charaudeau, integrada à noção de cena enunciativa de Dominique Maingueneau e ao conceito de *ethos* discursivo de Ruth Amossy, foi possível demonstrar que o personagem mobiliza estratégias políticas, ideológicas e proféticas para consolidar sua autoridade, transformando o discurso em prática de poder performativa.

A análise dos trechos selecionados revelou que Grindelwald constrói um *ethos* que combina carisma e aparência benevolente, deslocando sua imagem de tirano para a de líder visionário e pedagógico, capaz de conduzir seus seguidores a um projeto de mundo idealizado. Esse efeito é potencializado pela cenografia e pelo contexto simbólico da cena, que articulam sua fala a valores universais, como liberdade e amor, naturalizando simultaneamente a supremacia bruxa como uma ordem legítima e inevitável. Observa-se, portanto, que a manipulação discursiva ocorre de forma sofisticada e sutil, alicerçada em estereótipos reconhecíveis, contratos comunicativos implícitos e promessas de transformação coletiva, reforçando o vínculo emocional e ideológico com os seguidores.

Mais do que simplesmente representar poder, o discurso de Grindelwald desempenha-o, articulando narrativas políticas, religiosas e ideológicas que extrapolam o universo ficcional e se conectam a fenômenos sociais, históricos e culturais reconhecíveis pelo público. Essa articulação demonstra como a linguagem pode funcionar como mecanismo de legitimação de lideranças carismáticas, permitindo compreender a construção de hierarquias simbólicas e o papel da retórica na mobilização de adesões coletivas.

Assim, a análise evidencia que os recursos discursivos mobilizados pelo personagem transcendem a dimensão narrativa, assumindo um caráter performativo e persuasivo capaz de engendrar sentidos e afetos que consolidam sua autoridade. O estudo reforça, portanto, a importância da análise discursiva para compreender as interações entre linguagem, poder e ideologia em narrativas audiovisuais, destacando como a ficção oferece ferramentas privilegiadas para examinar processos de manipulação, persuasão e construção de lideranças em contextos simbólicos e sociais.

Em síntese, o discurso de Grindelwald ilustra a eficácia da linguagem como instrumento de poder performativo, capaz de articular carisma, ideologia e narrativa de maneira estratégica, revelando a centralidade da retórica e da encenação simbólica na construção de figuras de autoridade e na manutenção de estruturas hierárquicas dentro e fora da narrativa ficcional.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Organização de Aparecida Lino Pauliukonis e Ida Lúcia Machado. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2014.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.
- CHARAUDEAU, Patrick. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, H. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso-FALE/UFGM, 2001.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- WARNER BROS. PICTURES. **Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald**. Direção de David Yates. Reino Unido/Estados Unidos: Warner Bros Pictures, 2018.
- WIZARDING WORLD DIGITAL; WARNER BROS. ENTERTAINMENT INC. Harry Potter: Official home of Harry Potter, Hogwarts Sorting, and the Wizarding World \[versão portuguesa]. \[S.l.]: **Wizarding World Digital**; 2025. Disponível em: <https://www.harrypotter.com/pt>. Acesso em: 08 de Setembro de 2025.

Resumo: Esta pesquisa propõe uma análise semiolinguística do discurso de liderança de Gellert Grindelwald na cena do salão do filme *Animais Fantásticos: Os Crimes de Grindelwald* (2018), com o objetivo de compreender como a linguagem contribui para a construção simbólica do poder. A partir da semiolinguística de Charaudeau, em articulação com os conceitos de cena enunciativa de Maingueneau e *ethos* discursivo de Amossy, investiga-se como o personagem mobiliza gêneros discursivos, político, profético e ideológico, para legitimar sua autoridade perante os seguidores. O estudo mostra que o discurso de Grindelwald ultrapassa a dimensão informativa, configurando-se como performance ideológica que mobiliza imaginários coletivos. Assim, busca-se compreender como a linguagem atua como instrumento de encenação, legitimação e liderança manipuladora.

Palavras-chave: discurso político; semiolinguística; *ethos*; cena enunciativa; poder.

Abstract: This research proposes a semiolinguistic analysis of Gellert Grindelwald's leadership discourse in the hall scene of the film *Fantastic Beasts: The Crimes of Grindelwald* (2018), aiming to understand how language contributes to the symbolic construction of power. Based on Charaudeau's semiolinguistics, in articulation with Maingueneau's concept of enunciative scene and Amossy's discursive *ethos*, the study investigates how the character mobilizes political, prophetic, and ideological discursive genres to legitimize his authority before followers. The analysis shows that Grindelwald's discourse goes beyond the informative dimension, establishing itself as an ideological performance that mobilizes collective imaginaries. Thus, the research seeks to understand how language functions as an instrument of staging, legitimation, and manipulative leadership.

Keywords: political discourse; semiolinguistics; *ethos*; enunciative scene; power.

Recebido em: 19/10/2025.

Aceito em: 26/11/2025.